

Reflexões sobre a morte, o luto e as emoções no contexto pandêmico: entre os olhares de Norbert Elias e Mauro Koury

Reflections on death, mourning and emotions in the pandemic context: between Norbert Elias and Mauro Koury

Alexandre Paz Almeida¹

Doutor em Sociologia, Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Resumo

Este artigo apresenta contribuições teóricas sobre o fenômeno do luto, da morte e das emoções como parte das reflexões desenvolvidas por Koury (2003, 2004, 2005), pioneiro na consolidação teórica e metodológica de pesquisas em Antropologia e Sociologia das Emoções no Brasil, analisando as inter-relações entre emoções, indivíduo e sociedade, principalmente na contemporaneidade urbana brasileira. O tema do luto e da morte foi trabalhado enquanto recorte para pensar os processos de mudança comportamental entre a ideia de sociedade tradicional e relacional, para padrões mais individualizados e intimistas, experienciados por classes médias e populares de cidades do Brasil. O artigo também teceu considerações sobre a influência que Norbert Elias pareceu desenvolver no pensamento de Koury e suas formulações conceituais a respeito da vergonha, embaraço, autocontrole, entre outros, fundamentais no olhar de Koury (2003) em relação à formação de um *ser discreto*.

Palavras-chave: Morte; Luto; Emoções; Mauro Koury; Norbert Elias.

Revista Entrerios, Vol. 6, n. 1, p.80-97 (2023)

¹ E-Mail: alexpazalmeida@phb.uespi.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8840-1826>.

Abstract

This article presents theoretical contributions on the phenomenon of mourning, death and emotions as part of the reflections developed by Koury (2003, 2004, 2005), who was a pioneer in the theoretical and methodological consolidation of research in Anthropology and Sociology of Emotions in Brazil, analyzing the interrelationships between emotions, individuum and society, especially in Brazilian urban contemporaneity. The theme of mourning and death was worked as a cut to think about the processes of behavioral change between the idea of traditional and relational society, towards more individualized and intimate patterns, experienced by different social classes of the Brazilian cities. The article also intends to bring considerations about the influence that Norbert Elias seemed to develop in Koury's thinking and his conceptual formulations on the categories shame, embarrassment, self-control, among others, fundamental in Koury (2003) view of the formation of a *discreet being*.

Keywords: Death; Mourning; Emotions; Mauro Koury; Norbert Elias.

Introdução

Uma primeira versão deste texto foi apresentada como palestra no 2º Encontro de Socioantropologia Política do Corpo, da Saúde, da Doença e da Morte: reflexos e reflexões da pandemia, realizado pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Sociologia e Saúde (NIPESS), da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus de Parnaíba-PI. Busquei na referida palestra, assim como neste artigo parcialmente modificado, trazer algumas reflexões sobre a morte, o luto e a emoção a partir da contribuição analítica do professor e cientista social Mauro Guilherme Pinheiro Koury.

Koury compreendeu o fenômeno da morte e do luto enquanto processos que refletem certas mudanças emocionais nas estruturas afetivas de grupos e indivíduos na contemporaneidade, sobretudo das grandes cidades brasileiras. Koury (2003, 2004, 2005) percebeu que os comportamentos dos cidadãos e cidadãs no Brasil cada vez mais se modificaram devido à emergência de formas de individualização, vivenciados nos centros urbanos nacionais, ocasionando uma reestruturação dos padrões de afetividades, das emoções e das subjetividades que envolvem as noções de indivíduo e sociedade, aparentemente mais afetadas por consequências da individualidade moderna e/ou da reestruturação de um processo civilizacional, semelhante aos conceitos analíticos pensados por Norbert Elias.

Desse modo, pretendo demonstrar, parcialmente, a influência do pensamento de Elias nos recortes teóricos e metodológicos utilizados em pesquisas desenvolvidas por Koury. No meu entender, Koury conseguiu demonstrar como as categorias *vergonha*, *embaraço*, *medo*, *autocontrole*, *repugnância*, entre outros conceitos empregados por Elias, são fundamentais para se compreender a conformação da individualidade e do indivíduo contemporâneo no Brasil. Este indivíduo, segundo Koury (2003), se revela enquanto um *ser discreto*, ou seja, moldado aos costumes e normas sociais mais individualizadas, embora parcialmente ajustado aos padrões de uma possível sociedade relacional, agora um tanto que desgastada ou em curso de modificação.

Koury nos fala que alguns valores considerados comunitários, tradicionais e relacionais, presentes em obras de pensadores brasileiros na explicação do *ethos* nacional, como indica DaMatta (1987), por exemplo, já não são suficientes para compreender as consequências da individualização e das emoções mais *discretas*, experimentadas por vários atores sociais no Brasil. No olhar de Koury (2003, 2004, 2004a, 2005), a morte e o luto ainda são fenômenos essenciais para entendermos as mudanças socioafetivas, a construção das *emoções mais discretas* e a padronização de um indivíduo (*ser discreto*) mais contido, pelo menos no que diz respeito à exposição de sentimentos, contemporaneamente reelaborados na alienação de emoções como vergonha, medo, embaraço, entre outros que se amalgama aos padrões comportamentais de civilidade e modernidade.

Em relação ao contexto de pandemia de Covid-19, também pretendo, mesmo que brevemente, trazer algumas reflexões sobre o descaso da gestão do governo Bolsonaro (2019-2022) e a retórica sem complacência ao sofrimento e a dor, proferidas em palavras do ex-mandatário do executivo diante das trágicas mortes ocasionadas pela Covid-19. Assim, o fenômeno da morte, tão pesquisado por Koury, ficou mais próximo a nós. Entrou nas nossas casas, arrebatando filhos e filhas, pais e mães, crianças e idosos, amigos, amigas e familiares. Uma morte que retirou a plenitude dos rituais do luto e que Koury (2002, 2005) vai perceber parcialmente desgastada em certas estruturas socioafetivas da nossa sociedade, seja pela própria experiência centrípeta dos processos de individualização vivenciados nas classes médias urbanas ou pela marginalização do *homem comum pobre* que carece das bases sociopolíticas de cidadania (KOURY, 2018a). A respeito desse último, estereotipado como indigente, infelizmente continua a ser assassinado e enterrado, quando não em valas comuns,

nas covas rasas cavadas em matagais ou cemitérios clandestinos das grandes cidades brasileiras.

Esses *homens comuns pobres*, nos momentos mais críticos da pandemia, foram enterrados aos montes, sem um mínimo de consideração ao seu corpo e a suas famílias impossibilitadas de velar o seu ente querido. Não me atentarei, entretanto, aqui neste texto, aos números oficiais e diversas pesquisas desenvolvidas que demonstraram como a Covid-19 foi muito mais perversa em nossas periferias e com as populações mais carentes das grandes cidades brasileiras. Desse modo, buscarei trazer algumas observações sobre a contribuição do professor Koury no que ele compreendeu a partir do desenvolvimento da categoria *ser discreto*, tendo em vista as transformações dos rituais da morte e do luto no Brasil urbano contemporâneo e suas mudanças simbólicas aos processos de individualização. Com este texto pretendo homenagear o professor Koury, pois, com muito pesar, sua vida foi ceifada no dia 29 de agosto de 2021, aos 71 anos de idade, em decorrência de complicações ocasionadas pela Covid-19.

Sobre a banalidade do morrer em contexto pandêmico

Falar da morte, em um contexto em que perdemos mais de 600 mil pessoas, somente no nosso país, não é uma tarefa fácil. Creio que assim como eu, muitos de nós ainda permanecem com a sensação de impotência, de medo, de incerteza, de fragilidade, entre outras emoções que nos angustiam diante de uma pandemia que continuará a marcar, historicamente, toda a nossa geração. Entramos para a história, infelizmente já sob uma *tragédia* enunciada em 2019 e lembrando Marx (2011), não foi preciso esperar tanto tempo para vivermos a farsa, a mentira, a disseminação do ódio e a banalização da morte. Afinal, o que são mais de 620 mil vidas perdidas? Aparentemente, nada! São apenas números! Corresponde a três terços da população de Teresina, capital do Estado do Piauí.

Atualmente, segundo fontes do IBGE, há uma previsão de que Teresina chegará a aproximadamente 870 mil habitantes no ano de 2022². Isto nos permite refletir que, em menos de três anos, morreu no Brasil aproximadamente o que Teresina levou mais de 160 anos para compor parte de sua população atual³. Paralelo a está tragédia, o

² <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/teresina/panorama>. Acesso em 28/02/2022.

³ Oficialmente, Teresina foi promulgada a cidade e capital do Piauí em 16 de agosto de 1852, pelo então presidente da Província do Piauí, José Antônio Saraiva (COSTA E BUENO, 2016).

ex-presidente do Brasil afirmou constantemente, em diversos veículos de comunicação, que as mortes ocasionadas pelo vírus da Covid-19 não passavam de sensacionalismo midiático, diminuindo a gravidade do problema com afirmações esdrúxulas e irresponsáveis, sem dar minimamente credibilidade às recomendações de prevenção sanitárias, solicitadas, incansavelmente, por vários especialistas em saúde pública. “*Gripezinha, resfriadinho, mimimi, frescura*”, foram palavras proferidas pelo mandatário do poder executivo brasileiro, ao se referir à pandemia como um momento de “*neurose e histeria*” produzidas por um “*país de maricas*”⁴.

Não obstante, parece que o ex-presidente brasileiro não só banalizou o poder de destruição da Covid-19 e suas consequências devastadoras nas nossas vidas sociais, políticas, psicológicas, econômicas e culturais, como também naturalizou a morte de maneira a descredibilizar e descontextualizar o valor moral da vida. Assim, o discurso insensível de deixar o ser humano morrer, sobrevivendo aqueles mais aptos ou mais fortes, selecionados naturalmente a contrair apenas um *resfriadinho*, assumiu na fala do presidente uma retórica eugênica e discriminatória a condição humana (ARENDT, 2007).

Trata-se, desse modo, de uma banalização perversa e pervertida da disseminação intencional de um mal, revelada na indiferença aos critérios éticos de definição sobre o que é a vida e como conservá-la, ameaçada em ações contra a preservação dos princípios sociais fundamentais a valorização da noção de humanidade. Como nos lembra Arendt (1999), este mal se banaliza nos espaços institucionais propícios à ignorância; propícios à negação do conhecimento, da verdade, e sobretudo, quando pronunciamos uma fala ou até mesmo pensamos em negar a vida e a condição humana (ARENDT, 2007). Negação esta que se propagou nos diversos meios de comunicação digital, onde redes sociais foram utilizadas no intuito de disseminação de ideologias com viés semelhante às políticas autoritária e reacionária do fascismo e nazismo, principalmente quando percebemos aqueles discursos que, constantemente, banalizaram a morte e a dor dos considerados “mais fracos” e “aptos para morrer”.

Como indagou o ex-presidente do Brasil, discursando para seus milhares de seguidores e questionando as medidas de proteção sanitária, “está morrendo gente?

⁴ Sobre o que Bolsonaro já falou da pandemia, ver matéria exibida na página da Folha/Uol: www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml. Acesso em 01/03/2022.

Tá! Lamento. Mas vai morrer muito mais se a economia continuar destróçada”⁵. Infelizmente, a retórica do presidente parece que, naquele momento, entoou coro com outras vozes pouco críticas e suscetíveis à manipulação ideológica que banaliza o mal, sobretudo quando se passou a julgar certas ações e comportamentos políticos que destoassem dos interesses do desenvolvimento econômico empresarial, de uma possível economia neoliberal e dos princípios de “*deus, pátria e família*”⁶,

Diante dessas reflexões, parece que aprendemos bem pouco desde que Hannah Arendt percebeu que o mal se dissemina quando esquecemos o exercício e a capacidade contínua de pensar. E infelizmente, aparentemente, pensamos pouco nas vidas que se foram. A não ser por aquelas pessoas próximas, que vivenciaram a dor de perder uma criança, filhos, filhas, pais, mães, amigos, sobrinhos, tios e tias, enfim, vidas que para muitos não representam um número. A Covid-19 assassinou pessoas que amamos e que neste momento de sofrimento, temos a certeza de que nunca mais voltaremos a vê-las.

Até o momento que reescrevo este texto, precisamente no dia 04/03/2022, o Brasil já contabilizou oficialmente 651 mil vidas massacradas⁷. Nesta situação, uma das coisas que mais nos assusta é a capacidade que temos de banalizar este tipo de morte, agora absorvida por parte de uma estrutura do nosso cotidiano, ainda que acreditemos que seja passageira. Lembrando aqui de Michel de Certeau (2014) e Alfred Schutz (2018), nossas intenções no cotidiano são direcionadas às ações adaptadas às rotinas, daí aos poucos a ideia propagada de “vida normal” ou o “novo normal” que começa a se adequar ao dia a dia, mesmo com as mortes diárias enumeradas nos noticiários da TV. Fazendo agora parte de um cotidiano, a televisão mostra o descarte das vidas sem rosto, sem histórias, nem amigos, nem família... É a banalização da morte e a indiferença com o sofrimento alheio que levam muitos a repetir a frase: *nesta vida que se deve seguir, devemos esquecer as vidas que não estão mais aqui!*

⁵ Fala do presidente do Brasil, proferida no dia 14/05/2020, para criticar as medidas de isolamento social, que naquele momento estavam sendo adotadas por vários Estados da federação. Ver matéria exibida na página do Globo: <https://oglobo.globo.com/politica/esta-morrendo-gente-ta-lamento-mas-vai-morrer-muito-mais-se-economia-continuar-sendo-destracada-diz-bolsonaro-1-24426281> Acesso em 02/03/2022.

⁶ Outro lema de aspecto fascista, que serviu como a máxima eleitoreira da campanha do atual presidente do Brasil. A Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento político nacionalista de 1930, inspirado no fascismo italiano, tendo como o seu principal mentor intelectual Plínio Salgado, afirmou que “Deus dirige o destino dos povos” e o integralista seria um soldado de Deus que mudaria o destino da pátria (NETO, 2014).

⁷ Informação colhida no site: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 04/03/2022.

Um olhar eliasiano sobre contenção das emoções diante da morte

Elias (2001, p. 10) afirma que: “A morte é um problema dos vivos. Os mortos não têm problema”. Elias (2001) não estava sendo indiferente à morte, mas percebeu a imposição de um duro processo civilizador aos padrões afetivos e emocionais que envolviam os rituais do morrer, da pessoa idosa e, não menos importante, do moribundo. Ironicamente, quando Elias escreve o livro⁸ que contém esta frase, já passava dos 80 anos de idade e neste se percebe que o tabu imposto pela civilização levou a pessoa moribunda e o idoso – este último mesmo ainda com longevidade, caso do próprio Elias⁹ – à segregação e o distanciamento da vida social.

A civilização, segundo Elias (1994, 2001), conseguiu controlar, higienizar, recalcar a morte, assim como permitiu que o moribundo morresse cada vez mais solitário e o idoso mais recluso. Daí compreendemos a frase de Elias: o morto é um problema dos vivos. Pois o que fazer diante de um corpo que logo viria a se decompor, putrificando o ambiente? O que fazer com um moribundo que logo estaria morto? E o que fazer com uma pessoa idosa que, gradativamente, seria associada com a morte?

Não há uma resposta satisfatória para essas perguntas, mas Elias (1994, 2001) buscou entender que, no percurso do processo civilizador, paulatinamente estruturas emocionais como o medo, acompanhado de nojo, vergonha e repugnância, estariam a compor tipos de sentimentos que moldariam padrões sociais de socialização e sociabilidade diante da morte e dos diversos rituais que aos poucos foram perdendo significados, principalmente nas chamadas sociedades ocidentais.

Não obstante, para Elias (1994), essas mudanças ocorreram devido à introjeção de determinadas normas sociais, como as regras de etiquetas e de comportamento sexual, por exemplo, que reconfiguraram a estrutura da personalidade e da psique individual, conforme as estruturas do *habitus* social que se encontra em um processo contínuo de transformação histórica. Transformações estas que conduzem a um olhar diferenciado sobre a morte e morto, agora absorvidos pela disseminação do nojo a uma pessoa falecida, acompanhados da vergonha e/ou embaraço, paralelamente proveniente de situações específicas do morrer, do luto e consequentemente do sofrimento relativo à contenção das emoções.

⁸ Ver: ELIAS, Norbert. A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer. Jorge Zahar: 2001.

⁹ Norbert Elias morreu aos 93 anos no ano de 1990.

Elias (2001) perceberá que em períodos da idade média as pessoas nutriam mais afeição em relação aos moribundos e à morte, mesmo que ainda fosse aos extremos da barbárie à afabilidade, pois era comum aos indivíduos que exaltavam enforcamentos e decapitações em praças públicas, tivessem certos cuidados com seus entes no leito de morte, garantindo um funeral com honras e rituais de passagem para o pós-vida.

A morte e o morto faziam parte da vida, exceto nos casos frequentes de pragas e epidemias, que também contribuíram com um processo de higienização da morte e o afastamento do moribundo do convívio com os saudáveis. O medo do contágio nas sucessivas epidemias de cóleras, lepras e pestes negras, entre tantas outras, facilitou o declínio da relação do vivo com o convalescente e com a morte. Gradativamente, as crianças, que frequentemente conviviam com o morrer, começaram a ser poupadas deste ciclo até então tido como continuidade ou fim da existência, encarados com naturalidade.

Seria uma mudança de mentalidade e de sentimentos dos padrões de comportamentos poucos convencionais, característicos do ser medieval, aquele *cortesão* grosseiro, passional e até mesmo irracional, que daria lugar ao *civilizado* racional, controlado, ponderado e contido emocionalmente. Elias (1994, 2001) compreendeu que uma *nova sensibilidade emotiva* surge como padrão comportamental da civilização. Esse padrão, como comentei parágrafos antes, deu lugar ao nojo, à repugnância, à vergonha, ao embaraço, enfim, aos sentimentos que permitem a criação de barreiras nas relações face a face, entre o “eu” e o “outro”, tensionando uma estrutura da relação “eu-nós”, interdependente funcionalmente (ELIAS, 1994a).

Busquei até o momento descrever um pouco sobre a teoria de Norbert Elias, no intuito de expor algumas ideias desenvolvidas por Mauro Guilherme Pinheiro Koury, principalmente no que este pesquisador compreendeu enquanto uma *nova sensibilidade emotiva*, emergente no comportamento social dos indivíduos das classes médias urbanas brasileiras, sobretudo a partir dos anos de 1970.

Mauro Koury: a morte, o luto e a influência do pensamento eliasiano na formação do ser discreto

Conforme comentei na introdução deste texto, infelizmente Mauro Guilherme Pinheiro Koury faleceu no dia 29 de agosto de 2021, aos 71 anos de idade, em

decorrência de complicações causadas pelo vírus da Covid-19¹⁰. Dentre as linhas de pesquisa com que Koury trabalhava, temas como a morte, o luto, o medo, a humilhação, entre outros, figuraram como elementos conceituais para o entendimento das relações indivíduo, sociedade e emoção (KOURY, 2003; 2004; 2004a), principalmente em um campo empírico de apreciação da realidade socioafetiva das classes médias e populares urbanas brasileiras, foco principal do seu olhar antropológico e sociológico. Destarte, a Antropologia e a Sociologia das Emoções foram áreas às quais Koury se dedicou como pesquisador. Ajudou a disseminar, ainda nos anos de 1990, este novo campo teórico e metodológico no Brasil, sendo um dos pioneiros. A interface indivíduo, sociedade e emoção começou a ganhar contornos nos meios acadêmicos das ciências sociais do Brasil, em que se reflete, principalmente, as subjetividades e intersubjetividades dos grupos e atores sociais em tempos históricos e cotidianos específicos.

No caso do fenômeno da morte, Koury pesquisou os rituais do luto, as fotografias mortuárias, a emoção da dor, da melancolia e a privatização de determinados sentimentos que levou os indivíduos urbanos brasileiros a desenvolverem uma postura mais reservada, individualizada e intimista, a partir das expressões e exposições de sentimentos e emoções que envolvem a morte, o morrer e o luto (KOURY, 2003; 2005; 2018). Vale aqui ressaltar, mais uma vez, que Koury (2003) compreendeu a formação de uma *nova sensibilidade emotiva*, principalmente nas chamadas classes médias urbanas e populares brasileiras, que, segundo ele, começa a se desenhar nos anos de 1960 e 1970, com a instauração dos novos setores urbanos e industriais emergentes, permitindo o desenvolvimento de uma possível mentalidade, costumes e regras consideradas mais modernas e civilizadas.

Se até então Roberto DaMatta (1987), Gilberto Freyre (2008) e Sérgio Buarque de Holanda (1995), descreveram padrões comportamentais que remetiam a uma sociedade *relacional, familística e cordial*, alicerçada sob uma cultura emocional considerada

¹⁰ Koury era cientista social de formação, fez mestrado e doutorado em sociologia, mas se intitulava antropólogo, sendo assíduo membro da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Foi, ainda, um dos fundadores do departamento de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) e da Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) e do departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), instituição em que trabalhou como professor e pesquisador durante toda a vida. Era também fundador e editor da primeira revista em Antropologia e Sociologia das Emoções no Brasil, periódico que publicava vários artigos, na sua maioria frutos de pesquisas que desenvolvia incansavelmente. Coordenou o Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções (GREM) e o Grupo de Pesquisa em Antropologia das Imagens (GREI). Até a última atualização do seu currículo lattes, datada de 28/06/2021, Koury havia publicado 34 livros, 221 artigos em diversas revistas, 26 capítulos de livros, orientou 24 dissertações de mestrado, uma tese de doutorado e dezenas de TCCs e PIBICs. Nos seus 71 anos de vida, Koury continuava incansável e produtivo academicamente.

tradicional e, mais do que isto, caracterizada pela proximidade afetiva, pela disseminação de sentimentos que leva o compartilhamento mútuo de solidariedade entre os atores e grupos sociais, entretanto de modo às vezes irracional e/ou passional¹¹, Koury (2003) vai perceber que o urbano brasileiro contemporâneo, através da ótica do luto, revelou uma sociedade mais intimista e impessoal. São padrões comportamentais que se ressignificaram através de uma cultura emocional mais discreta e menos relacional, onde o luto serve como termômetro para medir as transformações estruturais dos sentimentos e das emoções dos cidadãos brasileiros, viabilizando uma leitura menos arraigada nas teorias provenientes da concepção de sociedade tradicional e ruralista. Por isso, os conceitos como vergonha, embaraço, repulsa e até mesmo nojo, tão presentes na obra de Elias, vão ficar evidentes no olhar de Koury sobre o Brasil, opondo-se justamente às estruturas de uma cultura definida na ideia de tradição, fossem aquelas de ordem *patriarcal*, como pensou Gilberto Freyre, ou *relacional*, como enfatiza Roberto DaMatta e, não menos importante, das *coisas do coração*, conforme preferiu Sérgio Buarque de Holanda.

É interessante notar que a ideia de *processo civilizador*, presente na obra de Norbert Elias, reflete sobre a contenção de determinadas estruturas emocionais, que levou ao desenvolvimento de sentimentos mais ponderados e até mesmo mais racionais, predominando a dificuldade de externalização das emoções do indivíduo diante de suas redes de sociabilidade. Essa visão de Elias difere, circunstancialmente, das concepções analíticas de Sérgio Buarque e Gilberto Freyre sobre o *processo colonizador brasileiro*, ambos confluentes com a teoria de uma sociedade formada nas tradições do ruralismo, patriarcalismo e de relações familiares hierárquicas, descendentes da herança *íberoportuguesa*, ou seja, daquela região europeia considerada mais *plástica*, *aventureira*, *promíscua* e, como enfatizou Holanda (1995) e Freyre (2008), *mestiça*. Desse modo, Portugal seria menos propenso a estabelecer um processo racional civilizador que permitisse a repressão e contenção das emoções do indivíduo civilizado, isto é, aquele ser medieval que se tornou um cortesão requintado e polido devido às mudanças nas estruturas da personalidade emotiva, conforme defendeu Elias (1994)?

E pensando no caso do Brasil, Freyre (2008) e Holanda (1995) entenderam que as estruturas sociais ibéricas legaram ao brasileiro um tipo e estereótipo de personalidade

¹¹ A noção de cordialidade, de que nos fala Sérgio Buarque de Holanda, privilegia os "sentimentos do coração", onde se compreende uma estrutura emotiva e passional menos favorável aos imperativos da razão, principalmente quando se considera a dinâmica da impessoalidade burocrática de algumas instituições políticas e públicas.

mais *plástica, autêntica e indefinida* socialmente. Este povo *híbrido*, como enfatizou Freyre (2008), buscou o equilíbrio entre os antagonismos dos credos, crenças e costumes por vezes pouco convencionais ao olhar europeu, distante da noção “ideal” de civilização ocidental e ainda predispostos à degeneração¹².

Koury (2014) entendeu que por mais relevantes que fossem as teorias dos pensadores clássicos brasileiros, até mesmo em autores que analisaram os aspectos subjetivos entre emoções e sociedade na formação do *ethos da persona brasileira*, caso de Holanda, DaMatta e Freyre, entre outros, não seriam mais suficientes para compreender as mudanças sociais ocorridas no Brasil contemporâneo, principalmente no que diz respeito a uma ideia de *cultura emocional individualista*, mais *reservada, intimistas* e menos propícia à exposição de sentimentos. Exposição esta que Koury (2003) interpretou, sob a ótica do luto, certo declínio dos rituais fúnebres antes necessários para o compartilhamento do sofrimento e do luto causado pela morte e consequentemente um distanciamento social do indivíduo ou falta de empatia com a pessoa enlutada.

Desse modo, a exposição pública de atos e ações de solidariedade para com a dor se tornou algo menos frequente nas relações que condicionavam o luto e os rituais da morte no Brasil. Os funerais mais restritos apenas a poucos membros familiares, como mostra Koury (2003), em pesquisas feitas em várias cidades brasileiras, parecem ter retirado o morto da cena pública e com ele solapa a exibição das emoções da dor e do sofrimento.

Sentimentos mais discretos, como a vergonha, realçados de autocontrole, de indiferença, de não mais saber lidar com a perda e externar essa dor, de preservação da imagem do morto, antes também exposto em fotografias nos álbuns de famílias ou em velórios mais públicos e comunitários, por exemplo, levaram os atores urbanos brasileiros ao desenvolvimento de uma espécie de um *Eu* autossuficiente, que, nas palavras de Koury (2003), representa condições moralizadas de um *ser discreto* e reprimido emocionalmente.

A morte e o morrer, como um recorte específico das pesquisas desenvolvidas por Koury, serviram como um campo fértil de reflexões metodológicas para a análise desta

¹² Como mostra DaMatta (1987), teóricos racistas europeus como Gobineau, que influenciou as teorias racistas brasileiras, viram no Brasil um povo degenerado devido à sua miscigenação. Já Gilberto Freyre, pensando diferentemente daquelas teorias da civilização racista, percebeu o hibridismo e a plasticidade como elementos explicativos para compreensão positiva de um Brasil mestiço e heterogêneo.

relação entre *indivíduo, sociedade e emoção* no Brasil contemporâneo e histórico. Assim, segundo Koury (2003), encaramos na contemporaneidade uma *economia de sentimentos e emoções* que deu lugar às relações pautadas na indiferença, na individualidade e no individualismo contemporâneo. Portanto, a experiência da morte e do luto é vivenciada cada vez mais na solidão, na indiferença e na personificação deste *ser discreto* que sente a dor da perda com reserva, emoções contidas e medo de expressá-las.

Koury, no meu entender, foi bastante assertivo quando compreendeu que, na contemporaneidade, existe um processo intersubjetivo que levou os atores sociais de grandes cidades brasileiras a uma economia de sentimentos e emoções, de modo a reproduzir, paralelamente, ambivalência nas interações afetivas consideradas menos convencionais, principalmente no que diz respeito à exposição social do sofrimento. Quem não se sentiu solitário e/ou incompreendido na experiência sofrida da perda de um ente querido? Faltando-lhe o apoio, uma palavra amiga, um gesto de carinho e afeição solidária com a dor da perda, esse *ser discreto*, que nos fala Koury, encara o sentimento de vergonha, culpabilidade e embaraço decorrente da incompreensão do seu ser. Ainda nas margens desse sentimento de embaraço pode existir aquela pessoa que diz: quem é você para saber o que estou sentindo? Deixe-me só. Essa dor é minha e de mais ninguém. Como disse Koury, (2005, p. 106): “fechada em sua dor a pessoa enlutada vive momentos de ambiguidades de aceitar a ajuda dos de fora e ao mesmo tempo de sentir constrangimento de sua própria dor continuada”.

Dessa maneira Koury percebe um declínio das *subjetividades emocionais afetivas* nos espaços públicos, particularmente quando o indivíduo internalizou uma estrutura ambígua entre como se deve comportar e o que esperar do outro em uma relação cada vez mais atravessada pelo *estranhamento*, pelo *constrangimento*, pelo *embaraço* e pela *individualidade sentimental e emocional*. Leva, desse modo, o ator social a um tipo de *embotamento afetivo*, não enquanto condição de um transtorno de personalidade individual, mas como consequência da fragmentação parcial de instituições, como a família, a religião e diversas associações comunitárias, por exemplo, que mantinham ou assumiam certa responsabilidade de apoio solidário para com o outro, em momentos de dificuldade e de sofrimento ocasionado pela morte.

Nas palavras de Koury (2005), quando percebeu os processos da individualização do luto em relato de uma moradora de uma comunidade de pescadores:

Mesmo vivendo em uma sociedade de padrões profundamente marcados por traços relacionais, uma comunidade de pescadores, onde todos se conhecem a todos, e ainda existe uma solidariedade quase mecânica nos padrões durkheimianos, o ritual da dor parece passar por um processo de mudança significativa caminhando para um padrão individualizante, onde o trabalho de luto é um atributo interior da pessoa enlutada, sem ou quase sem interferência da comunidade. (KOURY, 2005, p. 106).

Não obstante, Koury analisou em suas pesquisas, vale aqui mais uma vez reforçar, como a contenção de determinadas emoções levou os atores sociais no Brasil a significativas perdas de referências afetivas nos meios de socialização. Daí todo um olhar de Koury sobre as teorias do processo civilizador eliasiano, pois ele buscou a compreensão das mudanças dos padrões da estrutura da personalidade individual, em consonância com as intercorrências das ações sociais em curso ou, como preferiu Elias (1994a), no modelo da representação figuracional, isto é, na interdependência da estrutura do eu com a dinâmica funcional da sociedade em processo de longa duração histórica.

De modo a demonstrar as transformações das emoções no cotidiano das classes médias e populares brasileiras, bem como das relações socioafetivas, e correndo aqui o risco de ser tautológico, Mauro Koury viu no fenômeno da morte uma estrutura importante para repensar não só as relações mais fragmentadas no contexto urbano brasileiro, *mas como os reflexos dos padrões da civilização* – às vezes até mesmo descritos na historiografia de modo conceitualmente hermético¹³ – podem mudar a percepção da personalidade individual a uma ideia de sociedade que, teoricamente, não se explica mais apenas pela noção de tradição ou ainda a se modernizar, como se referem alguns interpretes clássicos do pensamento social nacional.

Neste sentido, o luto encarado como um processo de *auto-restrição* das emoções parece revelar uma mudança no contexto das representações sociais a respeito da noção de civilização, sobretudo quando percebemos comportamentos mais reservados que dificultam o compartilhamento dos sentimentos afetivos em que há, principalmente, rituais fúnebres de influência religiosa *cristã-ocidental* (KOURY, 2005). Podemos talvez falar, neste caso, de como as estruturas que compuseram restrições individuais são

¹³ No meu entender, o próprio Elias descreve o conceito de civilização enquanto um processo espontâneo na longa duração histórica apenas ocorridos em algumas regiões do continente europeu. O seu processo civilizador é claro quando define o autocontrole individual imposto pelas restrições da sociedade emergente burguesa entre os séculos XVIII e XIX, que vai assumir totalmente a legitimidade da violência a partir da formação racional dos Estados Nacionais, fundamental no exercício do controle das emoções individuais. Portugal, por exemplo, descrito sob o modelo eliasiano de civilização, parece não se encaixar plenamente nos padrões de auto-restrição e autocontrole das emoções.

interdependentes com a própria dinâmica funcional das emoções que promoveram a indiferença, o autocontrole, a vergonha e o embaraço de se expor e não ser compreendido. Um simples ato de chorar, por exemplo, em circunstâncias que envolvem a morte pode ser visto com estranhamento e de difícil compreensão da dor alheia, ao mesmo tempo que expõe, provavelmente, as consequências de um processo de desnaturalização do sofrimento diante do morrer, colocando em xeque algumas regras sentimentais mantenedoras de apoio e respeito ao próximo.

Regras sentimentais estas que Koury (2003) percebeu através de mudanças significativas nas ações de solidariedade para com a morte de entes queridos, em que famílias das classes médias e populares brasileiras se tornaram mais indiferentes para com o sofrimento dos seus semelhantes e com a pessoa falecida. Assim, se antes esperava-se da família determinado apoio, onde prevalecia uma noção de condições amorosas naturalizadas e estados emocionais mais condizentes com demonstrações de afetos, como declarações de carinho, abraços e paixões recíprocas, parece que essas ações e gestos emocionais se tornaram menos frequentes nas situações que envolvem a morte, o luto e o morrer na sociedade brasileira das últimas décadas.

Esse “declínio” das emoções mais afetivas contribuiu para a formação contemporânea do que Koury compreendeu, vale aqui mais uma vez descrever, de um *ser discreto* que é fruto de um processo civilizacional sintomático à contenção e o autocontrole das emoções e das intersubjetividades socioafetivas, seja nos espaços íntimos que tornou a pessoa enlutada mais *auto-restritiva*, ou nos locais públicos onde prevalece a *indiferença e o estranhamento* para com o sofrimento alheio.

Considerações finais

Falar de uma fragmentação ou declínio das emoções e dos sentimentos nos espaços públicos é lembrar também de autores e autoras a que Koury frequentemente recorreu para o desenvolvimento epistemológicos de suas pesquisas. Neste sentido, Richard Sennett (1988) já havia mencionado o nascimento de uma sociedade intimista, com relações sociais narcísicas que declinaria o homem político público. Simmel (2005) discutiu sobre uma economia monetária que esgarçou o indivíduo moderno a vida tedioso e indiferente nas cidades grandes, surge o sujeito *blasé*, a cultura subjetiva e os conflitos intersubjetivos.

Sob forte influência de Simmel, Goffman (1985) também se debruça sobre as interações faces a face, repletas de representações e papéis sociais que tensionam o *eu* a se adequar moralmente às formas de se comportar em situações impostas pela vida cotidiana. Imposições estas bem antes analisadas por Mauss (2001), quando compreendeu que os rituais fúnebres das tribos australianas são condicionados por tensões entre a espontaneidade e a obrigatoriedade da exposição ou não de sentimentos. Estes, entre tantos outros autores, autoras, pensadores e escolas sociológicas e antropológicas foram trabalhados exaustivamente por Mauro Koury, a exemplo do interacionismo simbólico ao funcionalismo parsoniano e durkheimiano, sem falar na dialética marxista que tanto pareceu o influenciar na juventude quando estudou os sindicatos rurais da zona da mata de Pernambuco.

No entanto, para tentar aqui findar este texto, longe de ter uma conclusão satisfatória, recorro ao pensamento de outra pensadora que Koury corriqueiramente citava nos seus textos e acredito também o ajudou nas suas últimas reflexões sobre o contexto atual da pandemia. Trata-se novamente de Hannah Arendt, que compreendeu que a manutenção da humanidade acontece paralelamente com a preservação dos espaços públicos e privados. A política, para Arendt (2007), surge também como uma ação intersubjetiva de pensar a pluralidade, o diferente, o conflito e a busca do consenso, pois necessariamente não precisamos de ser iguais e inevitavelmente convivemos com o dessemelhante, o que nos dá maior responsabilidade para com o outro e com as nossas ações.

Koury entendeu que a pandemia no Brasil fragilizou ainda mais nossa percepção da manutenção dos espaços públicos e privados, não só pela incerteza de termos a vida ameaçada pelo vírus, mas pela deterioração dos nossos sentimentos mais condescendentes, reforçados pelas indiferenças social e institucionais para com a morte, com o luto, com o sofrimento de milhares de pessoas que perderam alguém. Um cenário catastrófico, que instaurou um dos fenômenos sociais mais estudados por este cientista social que nos deixou. Trata-se do *sofrimento social*, agora reforçado pelo medo, pela angústia e pela perda da confiança em algumas instituições políticas que consideravelmente diminuíram a gravidade da pandemia, como fez o governo federal na atual gestão administrativa do ex-presidente Bolsonaro.

Em um simples exercício de pensamento, Koury se alinhou a outros antropólogos e citando diretamente Sérgio Adorno destacou que: “a pandemia ressalta, de maneira dramática, toda a escandalosa desigualdade do país” (ADORNO, *apud* Koury 2020, p.

33). Sabendo que as classes populares, entre outros grupos sociais, estariam mais vulneráveis à exposição do novo coronavírus, Koury (2020, p. 71) foi otimista quando descreveu que mesmo com o caos instaurado:

Ações solidárias começaram a surgir na intenção de socorrer populações vulneráveis, como pobres, indígenas, quilombolas, religiões afro-brasileiras, de gênero e sexualidades, etc. discriminadas e em constante ameaça de grileiros, de mineradoras, do agronegócio, do capital financeiro, e de falsos moralistas com o aval e incentivo do governo federal, de um lado; e ações solidárias de tentar minorar as situações da população em estado agravante de pobreza, com campanhas de agasalho e alimentação, entre outras.

Para Koury (2020), esses gestos de solidariedade foram uma resposta de grande parcela da população que resiste à necropolítica e à banalização da indiferença para com o sofrimento, tão disseminado pela nefasta condução de um governo que se abastece de uma *virtuosa ignorância*, pois, como percebeu Arendt (2007), em tempos sombrios da política, se procura destruir a razão e o livre exercício de pensamento, tornando muito mais perigosa a aceitação do discurso do extermínio da outra pessoa, como ação e prática necessária a condução da promessa de um bem maior a ser conquistado.

Concluo esse texto com um sentimento de admiração pelo professor Mauro Guilherme Pinheiro Koury. Como seu ex-aluno, ex-orientando e ex-colega de grupo de pesquisa, guardo seus ensinamentos com o compromisso daquilo que hoje muito nos falta ou querem retirar de nós, docentes, discentes, pesquisadores, cientistas, intelectuais e muitos outros e outras que ainda acreditam em uma verdade que busca combater a mentira, o ódio e a propagação ou banalização do mal, principalmente nesta era sombria da negação do bem. Acredito que Mauro Koury deixa um legado de que as ciências sociais no Brasil só têm a se orgulhar.

Referências bibliográficas

- ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- COSTA, Lúcia Maria de Sá Antunes e BUENO, José Luiz de Carvalho. Teresina, Cidade Verde: Para além da imagem poética, uma necessidade. *Equador*, v. 5, n. 3, 2016, p.458-478.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: a arte de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. (2.vol.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994^a.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2003.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Introdução a sociologia da emoção*. João Pessoa: Manufatura, GREM, 2004.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Sociologia da emoção: o Brasil urbano sob a ótica do luto*. Petrópolis: Vozes, 2004a.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Amor e Dor: ensaios em antropologia simbólica*. Recife: Bagaço, 2005.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Pela consolidação da sociologia e da antropologia das emoções no Brasil. *Revista Sociedade e Estado*, v. 29, n. 3, 2014.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Sobre perdas, dor, morte e morrer na cidade de João Pessoa-PB: um estudo em antropologia das emoções*. Recife/João Pessoa: Bagaço/Edições do GREM, 2018.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Os homens comuns pobres na expansão do núcleo urbano de João Pessoa, PB: A periferização da cidade. In Sociabilidades Urbanas - *Revista de Antropologia e Sociologia*, GREM-GREI, v. 2, n. 5, 2018a.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Tempos de Pandemia: Reflexões sobre o caso Brasil*. João Pessoa: (GREM-GREI); Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020.

MAUSS, Marcel. "A expressão obrigatória dos sentimentos". In, *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

NETO, Odilon Caldeira. *Sob o signo do sigma: integralismo, neointegralismo e o antissemitismo*. Maringá: EDUEM, 2014.

MARX, Karl. *Os 18 brumários de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.

SCHUTZ, Alfred. *A construção significativa do mundo social: Uma introdução à sociologia compreensiva*. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SIMMEL, Georg. [1903]. As grandes cidades e a vida do espírito. *Mana*, v.11, n. 2, 2005, p. 577-591.